

Os Papangus de Beberibe: cultura popular, riso e hibridismo

Pedro Pereira do Nascimento¹

Introdução

A brincadeira dos Papangus é uma manifestação que acontece em vários lugares do Nordeste brasileiro, famosos são os papangus de Bezerros em Pernambuco. Em Beberibe, litoral leste do Ceará, essa manifestação acontece principalmente no distrito de Sucatinga, que abriga várias comunidades como Uruaú, Cumbe, Lagoa Funda e Barra da Sucatinga. Além dessas comunidades, os papangus também fazem parte da cultura local de Caetano, que também pertence a Beberibe, compondo um conjunto de comunidades participantes de um roteiro de festas e de grupos de brincantes.

Os Papangus são pessoas que se travestem, usam máscaras, chicotes e saem pelas ruas fazendo algazarras com o que encontram. A manifestação em Beberibe não acontece no período do carnaval, como em outros lugares, mas sim, na Semana Santa, quando é organizado pelas comunidades um roteiro cultural marcado por cortejos e festas dos brincantes.

Nesse contexto, vamos pensar neste ensaio como a manifestação dos Papangus está associada aos conceitos de cultura popular, riso e hibridismo. Por isso, tem como objetivo descrever o que é a cultura dos papangus e suas manifestações no feriado da Semana Santa em Beberibe, junto a isso analisar a manifestação a partir dos conceitos de hibridismo e cultura popular.

Este trabalho pretende contribuir com os escritos referentes à cultura popular do Nordeste, junto a isso, destacar

¹ Bacharel em Humanidades e graduado em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UniLab/CE). Seus estudos se concentram nas temáticas de cultura popular e educação popular.

uma manifestação que faz parte dos roteiros culturais do município de Beberibe.

Papangus, cultura popular e hibridismo

O debate acerca da cultura dos Papangus vai imbricar dois questionamentos que vão ser importantes para associarmos a brincadeira aos conceitos de cultura popular e hibridismo. As perguntas são: O que é o Papangu? Como se brinca?

Partindo dessas duas interrogações, podemos fazer essa associação com os conceitos supracitados. O outro conceito que está exposto no título, o riso, ele vai estar, segundo Bakhtin (2013), atrelado com a cultura popular.

Respondendo à primeira pergunta, os Papangus são brincantes que, no feriado da Semana Santa, usando trajes e máscaras, saem pelas ruas fazendo algazarras. São também figuras variantes, que tem suas performances baseadas em uma fagulha, que é a máscara e o traje, adereços que permitem várias possibilidades de performance a partir da posição do anonimato, possível a partir da cobertura do rosto e do corpo, transformando uma figura social em uma incógnita. Esse brincante tem como palco de atuação a rua, que legitima a manifestação por ser criadora e consumidora da brincadeira.

Respondendo ao segundo questionamento, no feriado da Semana Santa em Beberibe os brincantes, principalmente os do distrito de Sucatinga e da comunidade de Caetano, saem às ruas em formato de cortejo, ou seja, um grupo de brincantes se reúne e procura um lugar escondido para se trajar e colocar suas máscaras, já que a posição do anonimato é o que os possibilita fazer parte de uma “casta privilegiada” como escreve Lourenço (2012), e usam dos espaços das ruas para fazer inúmeras brincadeiras com a comunidade.

Junto aos cortejos, as festas também fazem parte da cultura dos Papangus. Em Beberibe existe um roteiro que acontece todos os anos, festa do Bar do Riquitos na comunidade da Lagoa Funda, que inicia pela manhã e segue pela tarde do Sábado de Aleluia e no Domingo de Páscoa, festa da Sucatinga na sede do distrito de Sucatinga, que acontece nas noites de Sábado e Domingo, festa na comunidade de Caetano que se estende pela madrugada na Sexta Feira Santa e se alonga nas noites de Sábado e Domingo e a festa do Cumbe, que acontece na Segunda Feira após o Domingo de Páscoa.

Alguns objetos vão formar o Papangu, dois já foram citados, máscara e traje, mas começaremos pensando no chicote. Ele é feito a partir de um trançado de cordas, preso a um bastão de madeira que, na ponta, tem um cordame ou um náilon, que é chamado de ponteira. O chicote tem algumas finalidades dentro da manifestação, serve como aviso de chegada do papangu, quando se escuta o barulho dos estralados sabe-se que quem está nas ruas são os papangus. Eles são para muitos uma figura

atrativa, a ponto de quem está em casa sair para assistir ao cortejo. Para as crianças são figuras grotescas, pois, em sua maioria, se preparam para observar escondidos os brincantes. Esse medo das crianças é advindo das performances dos Papangus, e até pelas suas características, máscaras grotescas, falas grossas e comportamentos agressivos que, para quem está habituado com a manifestação, é levado na brincadeira, mas para as crianças é algo ainda amedrontador.

O chicote também tem como finalidade a “queima do Judas”, que é uma prática dentro da manifestação dos papangus, lembrando novamente que o evento acontece na Semana Santa, e nesse feriado é lembrado o momento da crucificação de Jesus Cristo. Nesse sentido, a queima do Judas é uma paródia da crucificação. Nesse evento, é fincada uma estaca de madeira no chão, e a ela é amarrado um boneco de pano, simbolizando Judas, nele é ateadado fogo e depois é exposto a chicotadas.

Na queima do Judas, fazem-se presentes elementos de uma cultura religiosa atrelando-se com práticas populares, construindo uma paródia, um dos elementos principais da cultura popular, que ressignifica símbolos como o da crucificação, que é tão caro ao Cristianismo, e que vincula a brincadeira ao riso, que faz parte da essência da cultura popular. Essa junção do sério com o riso vai ser tratado por Bakhtin, quando escreve:

Brinca-se com o que é temível, faz-se pouco dele: o terrível transforma-se num “alegre espantalho”. Mas não se poderia também compreender a imagem grotesca se se esquematizasse esse elemento, se se tentasse interpretar o conjunto da imagem num espírito de racionalização abstrata. (BAKHTIN, 2013, p. 87)

A construção de uma paródia de uma cultura oficial, usando a linguagem de Bakhtin (2013), a favor do riso e da brincadeira também vai atrelar a junção de duas perspectivas acerca da cultura, no sentido que os Papangus andam em paralelo ao feriado cristão, não proibido pela Igreja, pelo contrário, a festa do Cumbe, por exemplo, acontece em frente à Igreja Católica, então essa paródia da queima do Judas dentro do evento dos papangus encontra legitimidade nas frentes de uma cultura popular, representada pelo povo e paralela a Igreja Católica, símbolo histórico da cultura erudita que age passivamente com os festejos. Neste sentido, a manifestação tem uma identidade variada para sua construção e a respeito disso Sandrini escreve: “A identidade se torna poliglota, multiétnica, migrante – traz em si o conceito de deslocamento. É a identidade como ponto em que se encontram várias culturas”(SANDRINI, 2016, p. 186).

O traje é outro elemento que forma o Papangu, cobre o corpo do brincante. A vestimenta é de suma importância para quem brinca, junto com a máscara, o traje proporciona o anonimato, sendo parte motivadora ou fagulha que resulta em variadas formas de brincar. O traje do papangu em Beberibe vai carregar singularidades, os brincantes usam desde roupas sociais, macacões, a batas e roupas feitas de palha.

A caracterização varia muito, por exemplo, os brincantes da comunidade de Uruaú usam muito calças e camisas de mangas longas, isso porque é uma comunidade que tem como uma das suas atividades econômicas a pesca, e esse traje é também o que o pescador usa para ir pescar. Então, as roupas que os brincantes usam, além de expressar uma fagulha para a produção da brincadeira, muitas vezes andam junto com as realidades econômicas e sociais das comunidades, tanto na representação de figuras como os pescadores quanto na tradicionalização de costureiras que anualmente produzem os trajes dos papangus para a Semana Santa.

Figura 01 - Papangus em Caetano-Beberibe-Ceará.



Fonte: Acervo do Autor (2021)

A máscara é o adereço principal da cultura dos Papangus, é a fagulha da manifestação, nela está exposta a ideia literal do riso, “o riso supõe que o medo foi dominado” (BAKHTIN, 2013, p. 78), e ele é a essência das festas, que são ambientes intrínsecos a cultura popular e, nesse sentido, “o riso da Idade Média não é a sensação subjetiva, individual, biológica da continuidade da vida, é uma sensação social, universal” (BAKHTIN, 2013, p.79), que está estreitamente ligada às festas, às praças públicas e às ruas.

Ainda sobre o riso, mas em um recorte específico, o riso do Nordeste, Barroso escreve:

Nesse contexto, para dar nome aos bois, o riso brincante é o riso sem peias ou porteiras dos bois de brinquedo de um mundo que se chama Nordeste e de um Nordeste que se chama Mundo. É o riso de imaginação desbragada dos reisados e comédias circenses. É o riso retumbante dos palhaços, Mateus, caretas e Papangus (BARROSO, 2017, p. 241).

O riso também vai englobar o grotesco, a capacidade de transformar algo aterrorizante em algo cômico, o inferno, o diabo, a bruxa, o palhaço e etc, figuras e

imagens que vão cobrir os rostos dos Papangus no formato de uma máscara, propondo uma nova perspectiva de atuar promovida pelo anonimato.

O motivo da *máscara* é mais importante ainda. É o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular. A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as “macaquices” são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco (BAKHTIN, 2013, p. 35).

Os Papangus concentram todas essas características da máscara, desde as figuras grotescas ao gozo do anonimato. A máscara vai ser, usando uma metáfora de Gago (2011), uma porta para um lugar desconhecido, e sobre essa inserção na máscara, ele escreve:

Ninguém me disse o que fazer, foram-me dadas apenas leves sugestões, para me pôr à vontade. Mas não estou à vontade. Sinto que tudo depende de mim, e que estou no limiar de alguma coisa desconhecida. Estou no limiar, na soleira da porta. De repente, torna-se claro que tudo depende do modo como me aproximar da porta, do modo como fizer rodar o manípulo, do modo como a irei empurrar para que ela se abra e de como puser o pé na soleira (GAGO, 2011, p. 35).

A máscara, nesse sentido, produz uma nova figura e isso acende o fogo brincante, que está munido pelo anonimato e pelas várias possibilidades de performance. Passar a porta é entrar em um círculo não real, como escreve Lourenço (2012) citando Duvignaud: “A máscara [...], implica uma comunicação recebida e aceita, faz o espectador entrar em um círculo não real sugerido pelas formas que ela adiciona ao rosto humano” (LOURENÇO, 2012, p. 50), esse círculo é compartilhado por quem brinca e por quem legitima, quem assiste construindo uma realidade em que:

A máscara tem como função a dissimulação, a proteção, a manifestação de uma presença do além, participação em uma casta privilegiada ou secreta, instrumento de dominação pelo temor ou identificação a forças incontroladas da natureza. Ela não só protege como também nos orienta no sentido de uma diferença; nos conduz sobre uma pista da cultura. A máscara está posta para esta manifestação “espetacular” como a “fagulha” que acende o fogo brincante [...](LOURENÇO, 2012, p.50).

Portanto, a máscara tem esse papel de fagulha para os Papangus, sendo ela ponto assegurador do anonimato e também uma das características que fazem os Papangus uma manifestação pertencente à cultura popular na qual o público legitima os comportamentos dos brincantes devido ao uso da máscara que produz no imaginário coletivo as possibilidades permissivas durante aquele período.

Figura 02 - Papangus em Lagoa Funda-Beberibe-Ceará.



Fonte: Acervo do Autor (2019)

Para pensar o conceito de hibridismo teremos que nos remeter a pensar o surgimento da manifestação. Em Beberibe datar essa informação é muito complicado, no sentido de que as datas variam de acordo com a quantidade de brincantes. Mesmo com essa escassez de informações, referentes ao surgimento da manifestação, trazemos um contexto geral apontado por Lima (2017), que além de trazer uma possibilidade do surgimento da manifestação traz o aspecto do cortejo como ponto relacionado a sua origem. “A partir da década de 50, os mascarados que batiam às portas dos moradores passaram a receber deles cuias de angu, comida típica feita à base de farinha de milho. A partir daí, a população passou a chamá-los de Papangus” (LIMA, 2017, p. 30).

Os cortejos são uma parcela que fundamenta a brincadeira dos Papangus, trazendo para a sua estrutura aspectos como andar em grupo, e esses saem às ruas, dançam, estalam seus chicotes, bebem, falam palavrões e o principal, interagem com a comunidade. Procurar a origem dos cortejos dos Papangus é tão complicado quanto a busca pela origem dos mesmos. Ter pessoas mascaradas em um cortejo brincante não é algo monopolizado pelos Papangus, é algo que está difundido pelo mundo e pelo tempo, desde os carnavais nas cidades europeias no período do Renascimento que Bakhtin (2013) escreve, também nos caretos de Portugal que saem de fazenda em fazenda tomando vinho e no reisado de couro na região do Cariri no Ceará.

Em seus cortejos, os Papangus dançam, bebem, fumam, brigam e etc., são figuras variantes que andam nas ruas do distrito de Sucatinga, nas comunidades de Uruaú, Lagoa Funda, Barra da Sucatinga, Lagoa de Dentro, Cumbe, Piquiri e Caetano. São esses os palcos que atuam os papangus, um roteiro de lugares e eventos que interligam os brincantes do município de Beberibe, que são atraídos pelas festas. Formando assim uma cultura dos papangus híbrida, tendo em vista que, vai transitando de comunidade para comunidade construindo assim uma “identidade

poliglota” como escreve Sandrini (2016), que além de apresentar aspectos comunitários dos roteiros encarados pelos brincantes e aspectos de um feriado cristão, que é a Semana Santa, com um evento profano.

Essas culturas que se encontram e constroem novas práticas a partir de um processo de de hibridação vão formar a base de uma cultura que está a mercê das relações sociais descendentes de um processo de relação entre dominantes e dominados, que hierarquizaram a cultura fazendo com que algumas práticas para sobreviver se modificassem, atrelando-se em suas práticas até a cultura do dominador, não escapando do que Canclini vai escrever quando se refere do processo de hibridação na modernidade na América Latina:

[...] la secularización de los campos culturales, la producción autoexpresiva y autorregulada de las prácticas artísticas y políticas,[...] todo eso que se ha considerado resortes de la emancipación moderna, convive en América Latina con fundamentalismos religiosos y étnicos, con analfabetismo y arreglos arcaicos de poder (CANCLINI, 1997, p.111).

Portanto, os Papangus unem finalidades da cultura popular imbricadas dentro de um feriado cristão, vivendo e se construindo junto uma cultura oficial, colocando em jogo representações e símbolos de ambas as esferas de poder a favor da construção da manifestação. A relação do chicote com a queima do Judas vai trazer essa relação social de junção de uma cultura popular parodiando uma cultura erudita, relação essa legitimada pela população, pelas pessoas, que transitam em ambas as esferas, fazendo da cultura dos Papangus um espaço democrático, híbrido e, principalmente, uma manifestação popular.

Considerações finais

Com este ensaio tratamos de debater sobre a figura do Papangu dentro do contexto da Semana Santa em Beberibe, junto a isso, pensamos a manifestação a partir de conceitos como hibridismo e cultura popular, que trouxeram à tona temas como o riso e o anonimato que vão fundamentar partes dessas grandes temáticas.

Ademais, para pesarmos os Papangus utilizamos os objetos que o formam, o chicote, traje e a máscara, que compõem também o debate acerca do hibridismo e cultura popular, já que esses objetos estão diretamente ligados às realidades das comunidades que os produzem, tanto no sentido material quanto no sentido simbólico.

Os cortejos também foram temática importante para uma retomada na história da formação do que foi o Papangu, figura que pedia comida, angu, nas portas das pessoas, mesmo não sendo nosso objetivo aqui descobrir o surgimento dos Papangus, principalmente em Beberibe, onde a bibliografia sobre a manifestação é escassa.

No mais, este trabalho abre espaço para várias lacunas de discussão imbricadas à figura dos Papangus e das suas práticas, identidade, educação popular, performance e etc. Discussões que poderiam se complementar a partir de mais pesquisas e documentação sobre esses brincantes, suas festas e seus cortejos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BARROSO, Oswald. **O riso brincante do Nordeste**. Rebento, n. 7, p. 233-265, 2017.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas y estrategias comunicacionales**. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, v. 3, n. 5 p. 109-128, 1997.

GAGO, André. A máscara, do rito ao teatro. In: GODINHO, Paula. **Máscaras, mistérios e segredos**. Lisboa: Edições Colibri, 2011. p.33-42.

LIMA, José Ricardo de. **Papangus de Bezerros: a tradução da imagem, materializada em fantasias e máscaras**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2017.

LOURENÇO, Frank. **O pré-teatro e a função da máscara: O fogo brincante dos Papangus**. ILINX-Revista do LUME, v. 1, n. 1, p. 48-54, 2012.

SANDRINI, Paulo. **Índices de hibridismo cultural em relato de um certo oriente**. Scripta Uniandrade, v. 13, n. 1, p. 184-194, 2016.